

Metáforas Orientacionais em Libras: uma Perspectiva Lexical¹

Orientalational Metaphors in Libras: a Lexical Perspective

Daltro Roque Carvalho da Silva Junior²

Universidade Federal do Paraná

Marianne Rossi Stumpf³

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente estudo tem como principal foco o estudo das metáforas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) na área de Linguística, a partir de uma visão semântico-pragmática e lexical. Apresenta os tipos de metáforas, os quais são: estruturais, orientacionais e ontológicas. Neste escrito enfatiza as orientacionais em uma análise por meio do léxico. Como base teórica temos os estudos sobre as metáforas propostos por Lakoff; Johnson (2002 [1980]), contemplados nas reflexões de estudiosas da Linguística da Libras, por exemplo, Ferreira Britto (1995), Quadros e Karnopp (2004), Faria-Nascimento (2003). Os pressupostos metodológicos dessa discussão são demonstrados com os dados coletados do dicionário de Capovilla et al (2012), os quais formam um banco de dados que leva à realização de uma tabulação lexical. O dicionário enciclopédico de Capovilla serviu como instrumento de consulta para a seleção sinais relacionados com as metáforas coletadas. Os sinais selecionados referem-se a conceitos de sentimentos e emoções. Como resultado, notou-se que as metáforas orientacionais em Libras possuem características comuns com as línguas orais e com outras línguas de sinais, por exemplo, a ASL, formando assim categorias linguísticas. Conclui-se que há necessidade de novos estudos que aprofundem a potencialidade de reflexões que o tema traz sobre a metáfora nas línguas de sinais, levando-se em conta uma quantidade maior de registros.

Palavras-chave: Metáforas Orientacionais; Léxico; Língua Brasileira de Sinais.

Abstract: The following study focuses on the study of Brazilian Sign Language metaphors in Linguistics area, from a semantic-pragmatic and lexical perspective. It presents the types of metaphors, which are: structural, orientational and ontological. In this text, we emphasize the orientational metaphors in a lexical analysis. Our theoretical support will be based on Lakoff & Johnson's studies on metaphors (1980, 2002), and also on reflections concerning Linguistics of Brazilian Sign Language, conducted by Ferreira Britto (1995), Quadros & Karnopp (2004) and Faria-Nascimento (2003). The methodological assumptions of this discussion will be demonstrated through data collected from Capovilla's dictionary (2012), which results in a database represented by a lexical tabulation. Capovilla's encyclopedical dictionary served as a consultation tool for the selection of signs related to the collected metaphors – the selected ones refer to meanings which are associated with feelings and emotions. Therefore, as a result, it was

¹ Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado em linguística, intitulada Metáfora em Libras: um estudo de léxico, sob a orientação da Prof.^a Dra. Marianne Rossi Stumpf.

² Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Curso de Letras: Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil - Email: daltrojr12@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil – Email: stumpfmarianne@gmail.com

noted that the orientational metaphors in Libras share common features with oral languages and with other Sign Languages, such as ASL, thus forming linguistic categories. Finally, we concluded that there is a need for new studies that can widen the potentiality of reflections that the theme brings about the metaphors in languages considering a larger number of examples.

Key-words: Orientational Metaphors; Lexicon; Brazilian Sign Language.

Submetido em 18 de julho de 2020.

Aprovado em 20 de novembro de 2020.

Introdução

As pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais têm crescido consideravelmente nos últimos anos, especialmente desde o reconhecimento da Libras- Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), como meio de expressão da comunidade surda. Posteriormente, em 2005, o Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005) regulamentou a citada lei e difundiu a língua de sinais em diversos âmbitos da sociedade, como em escolas, universidades, órgãos públicos, culturais e de saúde, e que propiciou a criação do curso de Letras-Libras, que desenvolveu ainda mais as pesquisas na área.

No âmbito mundial, as línguas de sinais ganharam visibilidade e status linguístico com os estudos de William Stokoe (1960), que mostraram que as línguas de sinais evidenciam aspectos linguísticos equivalentes aos encontrados nas línguas orais. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), Stokoe procurou uma estrutura ou elementos constituintes de uma língua viso-espacial, ao analisar os sinais e procurar suas partes constituintes. Nesse sentido, as pesquisas de William Stokoe foram potentes ao proporcionar um novo olhar para as línguas de sinais e permitir que as pesquisas linguísticas relacionadas às línguas de sinais avançassem, garantindo seu reconhecimento linguístico.

Especificamente, este estudo apresenta um recorte de uma investigação que busca relacionar os estudos das metáforas em Libras, em sua particularidade semântica e pragmática. Dessa forma, tem-se a oportunidade de ampliar as pesquisas da área nessa temática, proporcionando novos olhares e assegurando o status linguístico da língua de sinais, como língua natural.

Para que se entenda o processo metafórico da Língua de Sinais, é preciso enfatizar que nenhum dicionário pode dar todos os sentidos das palavras/sinais nas inúmeras situações em que se inserem. Porém, como é necessária uma definição de seu uso, a metáfora pode ser definida como uso de uma palavra ou sinal, transpondo seu significado

para descrever diferentes referentes, dependendo do significado e do contexto para o qual é utilizada.

Assim como os estudos em línguas orais (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]), as línguas de sinais também possuem suas especificidades e se utilizam de metáforas. Os estudos metafóricos na área da língua de sinais começaram com Wilcox (2000), que se dedicou ao estudo do uso de metáforas no contexto da língua de sinais americana (ASL). No caso da Libras, os estudos sobre metáfora ainda são tímidos ou escassos, mas existem alguns estudos brasileiros acerca do tema, por exemplo, Faria-Nascimento (2003), Pereira (2007), Oliveira (2011) e Murta (2015). Assim, nesta pesquisa foca-se nas metáforas orientacionais, que “dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA. O fato de o conceito FELIZ ser orientado PARA CIMA leva a expressões como: Estou me sentindo para cima hoje” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 p. 59 [1980]) e como é possível perceber a percepção conceitual positiva e negativa, a partir da orientação dos sinais PARA CIMA e PARA BAIXO.

Tendo em vista contribuir com a área da Linguística da língua de sinais, fortalecendo os estudos voltados à Metáfora, maior inspiração para este estudo foi no contexto acadêmico vivenciado, juntamente com a própria comunidade surda, cuja fala traz subsídios para pesquisar e colaborar com o fortalecimento e, sobretudo, a difusão da Libras como língua.

Para este estudo, investigamos a relação entre os parâmetros Movimento e Configuração de Mão e o conceito positivo e negativo, no contexto das metáforas orientacionais, a fim de responder a problematização da metáfora e suas relações com a iconicidade.

Entre os dados analisados das metáforas orientacionais encontradas no léxico descrito como positivo e negativo da Libras; avaliar se a mudança nos parâmetros direcionais do Movimento interfere no conceito positivo e negativo de uma unidade lexical sinalizada (ULS); além de descrever casos em que cada um desses parâmetros aparece como negativo ou positivo no contexto de metáforas lexicais da Libras.

A falta de pesquisas aprofundadas sobre a metáfora em Libras torna esse tema pouco estudado pela comunidade surda, até pelo fato de as metáforas apresentarem uma estrutura complexa, embora surjam de forma espontânea e natural entre os surdos.

1. O que dizem sobre Metáfora em Línguas de Sinais

As pesquisas desenvolvidas por Stokoe (1960) apresentaram os três aspectos linguísticos para as línguas de sinais: configuração de mão, movimento e localização. A pesquisa que apresentamos corrobora os estudos de Stokoe, cujos elementos nos auxiliam nas avaliações e nas análises das metáforas em línguas de sinais. Ferreira-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) fundamentaram seus estudos a partir das fontes de Stokoe, entre outros.

Ferreira-Brito (1995) relaciona a Libras com a ASL, a Libras com as línguas orais e aprofundou conceitos acerca das metáforas orientacionais. Ao estudar a orientação de realização dos sinais, a autora percebeu que a maioria dos sinais realizados com orientação têm cunho bom/positivo; assim como a maioria dos sinais realizados com orientação para baixo têm por trás um sentido ruim/negativo. Dessa maneira, também, sinais que refletem manifestações futuras possuem orientação para frente, assim como sinais que refletem manifestações de cunho passado, possuem orientação para trás. E, ainda, sinais com características icônicas, realizados em partes do corpo específicas (por exemplo, “o sinal de “pensar”, realizado na cabeça e o de “amor” realizado próximo ao coração”, portanto “de cunho semântico específico” (OLIVEIRA, 2011, p. 54).

Em relação aos parâmetros fonológicos, Quadros e Karnopp (2004) sistematizam mais dois elementos constitutivos, a orientação da mão e as expressões não-manuais. Além disso, as autoras apresentam uma definição sobre o léxico, a semântica e a pragmática, abrindo caminhos para uma reflexão das características estruturais das Línguas de Sinais, sendo relevante para realização dos dados encontrados neste estudo.

Os estudos de Lakoff; Johnson (2002 [1980]) sobre as metáforas nas línguas de orais também citados nos trabalhos de metáforas de línguas de sinais, nos esclarecem que, na maioria dos casos, há como identificar a diferença na natureza dos processos entre metáfora e metonímia, já que podemos percebê-las na nossa vida cotidiana, na ação, no pensamento e na linguagem. Os autores dissertam, desde a década de 1980, em seu livro *Metaphors we live by*, que as metáforas precisam ser tratadas como um processo característico da linguagem, fundamentais em seu uso cotidiano. Eles complementam:

A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra [...] também tem a função de propiciar o entendimento [...]. A metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que nos estamos referindo. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um

recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 93)

Os autores Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.54) explicam que as metáforas de comunicação funcionam quando quem fala “coloca ideias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (por meio de um canal) para um ouvinte que retira as ideias-objetos das palavras recipientes”. Assim, quando pessoas utilizam a mesma língua, as metáforas por elas produzidas são mais bem compreendidas por meio de expressões já convencionadas, não sendo necessário explicitar um conjunto específico de significações naquele determinado contexto.

No caso das línguas de sinais, são poucos os estudos que abordam tais temáticas. Na *American Sign Language/ASL* (Língua de Sinais Americana), estudam a metáfora, autores como Wilcox P. (2000) e Wilbur (1987), além de, na *British Sign Language/BSL* (Língua de Sinais Britânica) haverem autores e estudiosos da área como Brennan (1990), Sutton-Spence R. e Kaneko M. (2016).

Novos estudos relacionam a metáfora com a Libras, entre eles, o estudo pioneiro de Ferreira-Brito (1995), Pereira (2007), entre outros. Estes estudos da gestualidade explicitam a influência da metáfora nas experiências perceptivas surdas.

De acordo com Faria-Nascimento (2003) e Oliveira (2011), em seus estudos sobre metáforas em outras línguas de sinais, perceberam que há muitas semelhanças entre as línguas ocidentais no que tange às metáforas. Por exemplo, na ASL, sinais como “TRISTEZA”, “MORTE”, “DOENÇA” são para baixo (assim também como na Libras). Por outro lado, na Língua de Sinais Japonesa, sinais relacionados a “ALEGRIA” são realizados com orientação para baixo, o que poderia confundir surdos americanos com a intencionalidade e a semântica do sinal em relação a outras línguas, pois as relações culturais variam para cada país e língua.

Vale destacar a importância dos estudos de Faria-Nascimento (2003). A autora identificou e classificou semelhanças e diferenças no processo metafórico de unidades lexicais encontradas na Libras em contraste com a Língua Portuguesa. Analisou a metáfora presente em alguns recortes de atos pragmáticos extraídos de atos de fala envolvendo surdos e ouvintes em interação comunicativa formal e/ou informal. As análises se sustentaram sobre uma metodologia qualitativa, com abordagem etnográfica à luz da literatura sobre Língua de Sinais, metáfora, leitura, bem como sob a introspecção da pesquisadora. O *corpus* gerado nesse trabalho a partir de eventos metafóricos

promoveu discussões metalinguísticas que contribuíram para entender e analisar um pouco mais sobre o mundo dos surdos e sua língua em uso. As análises lidam com estratégias contrastivas que nos ajudam a entender melhor os aspectos icônicos, metafóricos e metonímicos, salientes e subjacentes no discurso dos surdos. Essas questões são relevantes para compreensão das metáforas orientacionais.

O estudo de Pereira (2007) apresenta uma abordagem das metáforas conceituais da subjetividade em Libras, apresentada a partir de um olhar interdisciplinar. A autora trouxe como base teórica Lakoff; Johnson e a teoria freudiana a partir de um olhar acerca da língua, cultura e representações surdas. Além disso, mostra uma análise dos dados para a utilização da metáfora básica *subject/self* e das cinco principais especificações desta metáfora em construções dos sinalizantes da Libras, fornecendo elementos para alguns questionamentos sobre o alcance da teoria das metáforas conceituais e sua relação com a língua e a cultura em Libras. Ela demonstra a riqueza de processos metafóricos na Libras, com a pretensão de contribuir para a valorização das línguas de sinais, e para a desmitificação de preconceitos acerca da subjetividade dos sujeitos surdos. A interface de estudos contribui para refletir na análise de dados em uma perspectiva semântica e lexical.

Já o trabalho de Oliveira (2011) levou em conta a abordagem da Linguística Cognitiva da concepção de metáfora, estabelecida pela Teoria da Metáfora Conceptual. Considerou a metáfora como um mecanismo conceptual em que os seres humanos empregam um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com o próprio corpo e o mundo em que vivem, para compreender/conceptualizar um domínio mais abstrato. Sobretudo, verificou a aplicabilidade de tal teoria na língua brasileira de sinais (Libras), e apresentou como hipótese o fato de que as metáforas conceptuais podem ser identificadas em qualquer língua, mesmo uma língua visuo-espacial, e que as manifestações metafóricas encontradas na Libras podem refletir as especificidades da cultura surda, bem como aspectos provenientes da cultura ouvinte devido à influência cultural gerada por sua inserção nesta cultura.

Por último, Murta (2015) potencializa a área da linguística cognitiva para analisar as metáforas nas línguas de sinais presentes nos discursos dos surdos falantes da Libras e levanta a hipótese de que há uma metáfora mais frequente do que as demais, no caso, as orientacionais a partir da iconicidade, presente na Libras. O estudo apresenta dados coletados em domínio público na plataforma Youtube. Ao analisar esses dados, a autora

concluiu que as metáforas fazem parte, vivamente, do cotidiano dos surdos, e de que algumas delas são mais frequentes do que outras, possibilitando uma visão do uso cultural da língua.

É relevante apresentar esses trabalhos para perceber o que conduz a escolha de buscar uma perspectiva lexical para discutir e analisar a metáfora em língua de sinais. Uma das questões é que os sinais (palavras) se constroem no dia-dia da comunidade surda ou da vida humana. No caso das línguas de sinais, a formação lexical é constituída a partir dos cinco parâmetros linguísticos (configuração de mão, locação, movimento, orientação da palma da mão e expressões não manuais). Assim, apresenta os efeitos de modalidade de uma língua viso-espacial e a formação do léxico. Faria-Nascimento (2009) também ressalta o fundo lexical da Libras, ou seja, as estruturas morfológicas que constituem o léxico da Libras, ao dizer que são os parâmetros, os classificadores, os morfemas-base, as unidades lexicais emprestadas de outras LS, os elementos prototípicos, além de ícones linguísticos, empréstimos da Língua Portuguesa, metonímias e metáforas estruturais, ontológicas e orientacionais este último, o objeto principal de estudo desta pesquisa.

A importância de registrar o uso dos sinais por dicionário ou sites que demonstram as particularidades linguísticas dos sinais em relação à visualidade e espacialidade da Língua, ou seja, a produção em língua de sinais de diferentes formas e sentidos. Para tal, é necessário criar estratégias de registros visuais, por exemplo, plataformas digitais, sites etc. Por isso, o estudo do léxico é relevante para a compreensão do uso de metáforas. Para tanto o próximo tópico trata dos tipos de metáfora.

2. Metáforas Estruturais, Orientacionais e Ontológicas

Para melhorar a compreensão dos conceitos gerais sobre metáfora, propostos por Lakoff; Johnson (2002 [1980]), disserta-se a seguir sobre os três tipos de processos metafóricos: estruturais, orientacionais e ontológicos.

As metáforas estruturais são processos em que a atividade é estruturada metaforicamente em termos de outra experiência. Um exemplo citado por Corrêa (2014) é quando se diz “Eles bateram boca durante toda a aula”, onde “bateram boca” simboliza a experiência de discutir e é significada como uma briga; ou quando se diz “O corredor está voando!”, onde “voando” simboliza a experiência de correr rapidamente/velozmente.

As metáforas orientacionais explicitam conceitos abstratos a partir de vivências corporais e perceptuais de orientação de mundo, seja de base física, cultural ou social.

(LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Estas, estão associadas à direção do movimento. As metáforas se fundamentam na orientação espacial, bases físicas, culturais e sociais são a base de um sistema de conceitos em relação a outro, estando principalmente relacionados não ao acaso, mas à experiência física e cultural.

As metáforas orientacionais “dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA. O fato de o conceito FELIZ ser orientado PARA CIMA leva a expressões como: estou me sentindo para cima hoje” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 59) de forma a se perceber os traços positivos e negativos a partir da orientação dos sinais PARA CIMA e PARA BAIXO.

LAKOFF; JOHNSON (2002 [1980]) definem três tipos de metáforas orientacionais, ontológicas e estruturais para as línguas orais. São elas: Na metáfora estrutural, língua e cultura unem-se e influenciam-se mutuamente. Na metáfora orientacional, o posicionamento espacial relaciona-se com sentimentos como por exemplo: para o alto - positivo, para baixo - negativos, para trás - passado, para frente - futuro. A metáfora ontológica também tem relação espacial e constitui-se por projetar características de um objeto em outro. Estas metáforas são denominadas como metáforas básicas para as línguas orais. Abre-se o questionamento sobre como isso ocorre nas línguas de sinais.

LAKOFF; JOHNSON (2002, p. 59 [1980]) defendem que, nas línguas orais ocidentais, “para cima” simboliza coisas positivas/estar bem/bom e “para baixo” coisas negativas/estar mal/ruim. Por exemplo, os sinais de “JOIA”, “BOM”, “VALOR”, “IMPORTANTE” são realizados com direção do movimento para cima, portanto, são metafóricos positivos. Já os sinais de “RUIM”, “DESPREZO”, “NEGAÇÃO”, são feitos com direção do movimento para baixo, demonstrando conotação negativa. Ferreira-Brito (1995) também cita sinais relacionados à alimentação, que são realizados junto à boca, (“COMER”, “MAÇÃ”, “LARANJA”, “MANGA”, “LANCHE”) e ao pensamento, sinais realizados próximos à cabeça (“PENSAR”, “SONHAR”, “DECORAR”, “ESQUECER”, “LEMBRAR”, “INTELIGENTE”).

As metáforas ontológicas são propostas como maneiras de se significar emoções, atividades, ideias “como entidades e substâncias” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 76 [1980]), nos permitindo selecionar partes experienciais e tratando-as como partes de experiências substanciais. Ou seja, é a “transformação de um conceito abstrato em entidade, objeto ou substância (MURTA, 2015, p. 54). Por exemplo, “Estou com a cabeça

cheia”, onde as preocupações são colocadas como um preenchimento da mente com coisas ruins.

Com tais definições, é necessário que saibamos, para o entendimento do propósito desta pesquisa, que as línguas de sinais também podem ser comparadas às línguas orais, onde podem-se perceber “similaridades e diferenças, de maneira significativa e figurativa” (WILBUR, 1987, p.163).

Wilbur (1987) discutiu exemplos de metáforas orientacionais, ontológicas e estruturais na ASL. A partir de agora, relata-se o que Wilbur (1987) dissertou acerca destes três tipos de metáforas no contexto da língua de sinais americana, com o intuito de entender os pressupostos teóricos aliados à sua metodologia de apreensão de dados, os quais também serão utilizados na análise de dados desta pesquisa.

No caso das metáforas orientacionais, Wilbur (1987) explica que a ASL se utiliza do movimento e do espaço para mostrar informações literais e metafóricas diferentes. Por exemplo, ele cita que, no Inglês, quando se usa “*up*” denota um valor positivo, o que se repete em contextos como “*good health*”, “*consciousness*”, “*control*”, entre outros. Por outro lado, quando se utiliza “*down*” denota um valor negativo, o que se repete em contextos como “*sickness*”, “*death*”, “*lack of control*”, entre outros. O autor explica também que na língua inglesa há a possibilidade de unir “*up-down*”, quando a significação inclui a relação entre dois campos positivo-negativo, como por exemplo, “*happy/sad*”, “*good/bad*”, “*virtue/depravity*”, entre outros.

Assim como já abordado por Ferreira-Brito (1995) falando de Libras no item anterior sobre Metáfora, Wilbur (1987), ao estudar ASL, indicou que sinais relacionados ao futuro são feitos para frente (por exemplo “*future*”, “*tomorrow*”, entre outros. Sinais relacionados ao passado são feitos para trás (por exemplo “*yesterday*”, “*past*”, entre outros. Por fim, sinais que denotam continuidade de uma linha do tempo são feitos de trás para frente, como por exemplo “*history*”, “*generation*”, entre outros.

Neste caso, esta pesquisa também pretende colaborar com esse reconhecimento e avanço linguístico. Especificamente, este estudo envolve um trajeto de investigação que busca relacionar os estudos de metáfora da Libras, em sua particularidade semântica e pragmática. Dessa forma, tem-se a oportunidade de ampliar as pesquisas na área desta temática, proporcionando novos olhares e assegurando o status linguístico da Língua de Sinais, como uma língua natural.

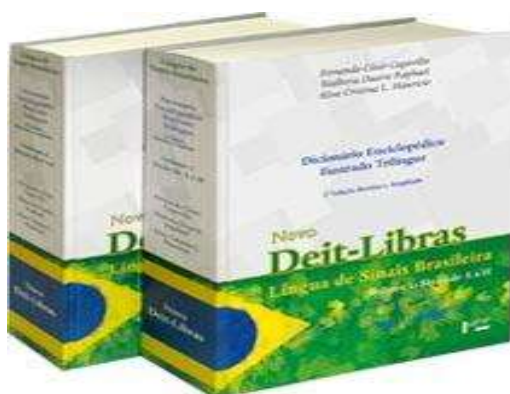
Os estudos de Taub (2012) mostram que a iconicidade e a metáfora estão intimamente relacionados e que a influência cultural é determinante no que se refere à iconicidade nas produções metafóricas das línguas de sinais. As metáforas, apresentadas por surdos fluentes em Libras, acontecem como em outras línguas e são geradas e motivadas pela significação do mundo da comunidade e da sua cultura, não se restringindo apenas aos empréstimos adquiridos da língua portuguesa.

Para que se entenda o processo metafórico da Língua de Sinais, é preciso enfatizar que nenhum dicionário pode dar todos os sentidos das palavras/sinais nas inúmeras situações onde estes podem estar inseridos. Porém, como é necessária uma definição de seu uso, a metáfora pode ser definida como o uso de uma palavra ou sinal, transpondo seu significado para descrever diferentes referentes, dependendo este significado do contexto, a qual está sendo utilizada.

3. Seleção de Sinais e Métodos

Para o levantamento bibliográfico foi escolhido o dicionário de CAPOVILLA et.al (2012), atual e de mais amplo registro de sinais e que contempla sinais de todos os estados no Brasil. O dicionário tem como título NOVO-DELT-LIBRAS: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS, 2 volumes catalogados de maneira alfabética e assim divididos: A à H (vol. 1) e I à Z (vol. 2); possui 10.296 sinais de Libras. Esta é a mais recente edição, que apresenta os desdobramentos das últimas duas edições.

Figura 01 - DEIT – Libras.



Fonte: Capovilla et al (2012) ⁴

Este trabalho contempla também o viés quantitativo, em virtude das quantificações realizadas e análise porcentual de quantos sinais se encaixaram em cada polo significativo (positivo e negativo) a depender do Movimento e da Configuração de mão.

4. Criação de Categorias

Do dicionário acima citado, foram escolhidos 831 verbetes. Estes foram escolhidos pela possibilidade de classificação dos mesmos nos campos “positivo” e “negativo”, a depender da significação do seu uso pelo sujeito sinalizante.

O critério para classificar os verbetes escolhidos foi a classificação dada por uma pessoa surda, que pode também auxiliar e indicar em que campos os sinais se encaixavam – ora no positivo, ora no negativo. Assim, após visto os comentários deste sujeito surdo, obtive 334 sinais para conceitos positivos e 497 sinais para conceitos negativos. A escolha da informante se deu pelo fato de ser uma pessoa surda, fluente em Libras e estudante da área de Linguística. Assim ela reconheceu e classificou os sinais também como positivos ou negativos.

A partir das colocações de LAKOFF; JOHNSON (2002 [1980]) pude classificar os sinais escolhidos de acordo com a sensação que provocam – positiva e negativa. Um exemplo são os sinais AMOR e FELIZ, que foram inseridos no campo positivo e, por conseguinte, sinais de TRISTE e MAU foram inseridos no campo negativo. Para facilitar, escolhi apenas sinais que demonstrassem sentimentos e emoção e, assim, consegui classificar os sentidos em que são utilizados (positivo e negativo).

Para organizar estes dados, foi criada uma tabela, onde foram utilizados os sinais matemáticos positivo e negativo para primariamente, localizar a classificação de cada sinal do estudo. No trabalho de Silva Júnior (2018) pode ser encontrado mais tabelas relacionadas à Configuração de Mão (CM) e Movimento (M) de cada sinal tabelado. Neste trabalho, embora estejam dispostas todas as orientações no contexto linguístico da

4

https://www.google.com.br/search?q=dicionario+capovilla+deit+libras+2+edi%C3%A7%C3%A3o&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR728BR728&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiFyZTApohVhAhWK8CYKHRSJAecQ_AUIBigB&biw=1517&bih=735#imgre=uKuDBmUmPwtggM. Acesso em: 25/11/2020.

Libras, só serão analisadas neste estudo o movimento PARA CIMA e PARA BAIXO no contexto positivo e negativo.

5. Metáforas Orientacionais: Avaliação da Positividade e da Negatividade

Início a análise dos dados, seguindo a metodologia utilizada por Silva Júnior (2018). Primeiramente, justifica-se a utilização do formato de gráfico abaixo pela facilidade de entendimento de cada proporção encontrada e de cada item analisado. Ressalta-se que utilizada para sinais metafóricos positivos e é também usada para sinais metafóricos negativos de forma a facilitar a visualização das tabelas.

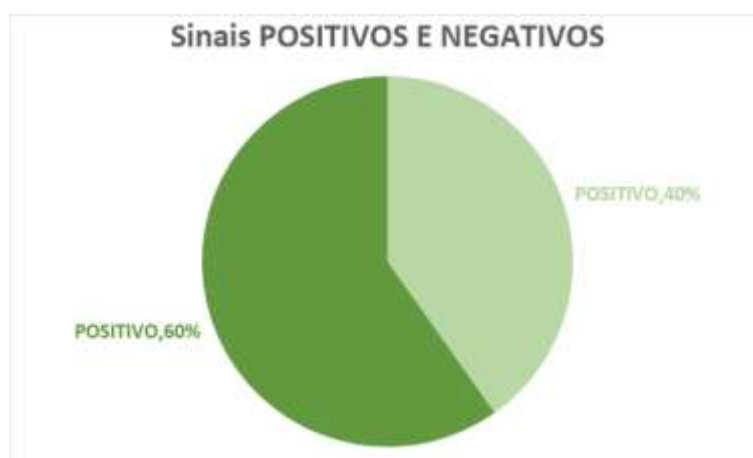
Após uma pesquisa individual e a participação de outro surdo na classificação no que tange à positividade e negatividade de cada sinal, pode-se perceber que do total de sinais analisado, 334 foram classificados como positivos e 497 sinais como negativos. Um gráfico foi criado para demonstrar essa divisão, conforme disposto abaixo:

Tabela 1 – Positividade e Negatividade dos sinais estudados

Nº	Conceitos	Nº de sinais	Nº de porcentagem
1	Positivo	334 sinais	40%
2	Negativo	497 sinais	60%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 1 - Sinais positivos e negativos



Fonte: Elaborado pelo autor.

A exemplo do que foi realizado nos estudos de Wilbur (1987) e Wilcox (2000) também se exemplifica um sinal dito como “positivo” e outro dito como “negativo”, como o quadro abaixo demonstra. Na pesquisa de Silva Júnior (2018), poderá observar mais exemplos de sinais positivos e negativos, aqui neste artigo foi selecionado alguns sinais.

Quadro 01 - Exemplos de sinais positivos e negativos.

Palavra/sinal POSITIVO	Palavra/sinal: NEGATIVO
<p data-bbox="475 949 555 976">FELIZ</p> 	<p data-bbox="1043 949 1123 976">RUIM</p> 
<p data-bbox="485 1357 545 1384">PAZ</p> 	<p data-bbox="1046 1357 1114 1384">MAL</p> 

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste estudo, classifica os parâmetros Configuração de Mão, Movimentação, Orientação de mão dos sinais do *corpus* escolhido entre positivo e negativo, a partir do



que foi realizado por Wilbur (1987). Divide-se por subtópicos para facilitar o entendimento específico de cada particularidade analisada.

Em cada um dos tópicos de análise de dados a seguir, apresentam-se somente as tabelas de quantidade, conforme explicado no capítulo de metodologia deste estudo. Foca-se, no caso desta pesquisa, nas metáforas orientacionais de cunho POSITIVO E NEGATIVO- PARA CIMA e PARA BAIXO. Para melhor entendimento, os quadros 02 e 03 mostram exemplos desta dualidade, onde podem existir metáforas orientacionais positivas não somente com a orientação do sinal realizada para cima, tampouco somente metáforas orientacionais negativas apenas com a orientação do sinal realizada para baixo.

Quadro 02 - Exemplos de Metáforas Orientacionais de cunho POSITIVO (PARA CIMA E PARA BAIXO)

Conceito POSITIVO – PARA CIMA	Conceito POSITIVO-PARA BAIXO
<p data-bbox="448 1037 592 1066">ORGULHO⁵</p> 	<p data-bbox="1018 1037 1155 1066">ACALMAR</p> 
<p data-bbox="448 1402 592 1431">CONTENTE</p> 	<p data-bbox="1023 1402 1150 1431">RELAXAR</p> 

⁵ O sinal de ORGULHO poderá ter sentido positivo em seu uso, isso se diferencia a partir das expressões não manuais.

<p>ALEGRE</p> 	<p>TRANQUILO</p> 
---	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 03 - Exemplos de Metáforas Orientacionais de cunho NEGATIVO (PARA CIMA E PARA BAIXO)

Conceito NEGATIVO- PARA CIMA	Conceito NEGATIVO-PARA BAIXO
<p>ORGULHO</p> 	<p>DECEPCIONAR</p> 
<p>ASSUSTAR</p> 	<p>CANSAR</p> 
<p>ODIAR</p>	<p>DEPRESSÃO</p>



Fonte: Elaborado pelo autor.

No caso do Movimento (M), também classifiquei cada um no contexto das significações, sendo positivas e negativas, também organizadas em tabelas e gráficos. Para a movimentação (M) de significação positiva, no M PARA CIMA foram encontrados 41 sinais, representando 49%; na M PARA BAIXO, encontrou-se 42 sinais, representando 51%. Na tabela abaixo. Entretanto, traz-se apenas os sinais de cunho positivo, com a movimentação realizada apenas para cima e para baixo.

Tabela 2 - Movimento analisado no contexto positivo do sinal, e suas respectivas quantidades e porcentagens, conforme realizado no trabalho de Silva Júnior (2018).

Nº	Sentido	Tipos de movimentos	Nº de sinais	Nº de porcentagem	Sinais-exemplo
1	Positivo	PARA CIMA	41 sinais	49%	MELHOR
2	Positivo	PARA BAIXO	42 sinais	51%	FELIZ

Fonte: Elaborado pelo autor.

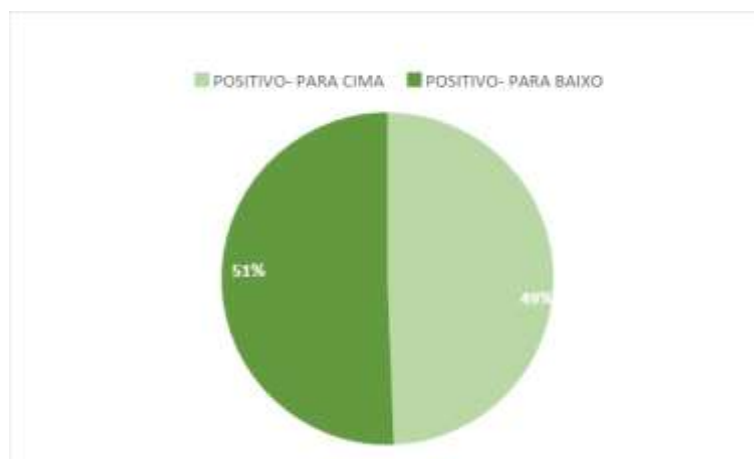
Quadro 02 - Exemplos de sinais positivos- PARA CIMA e PARA BAIXO

Conceito POSITIVO PARA CIMA	Conceito POSITIVO PARA BAIXO
<p>MELHOR</p>	<p>FELIZ</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Cada um dos movimentos citados mostra um exemplo de sinal correspondente a cada um dos sinais analisados no sentido contextualizado positivo. Além disso, um gráfico ilustrando o quantitativo da pesquisa também se encontra abaixo.

Gráfico 2 - Movimento (M) em sinais de significação positiva (PARA CIMA E PARA BAIXO)



Fonte: Elaborado pelo autor.

No caso do Movimento (Mov.) em sinais classificados em uma significação negativa no Mov. PARA CIMA, foram encontrados 56 sinais, representando 39%. No Mov. PARA BAIXO foram encontrados 88 sinais, representando 61%. Na tabela 3, estão apresentados, porém, somente os sinais de sentido negativo, com a movimentação apenas para cima e para baixo.

Tabela 3-Movimentos analisadas no contexto negativo do sinal, e suas respectivas quantidades e porcentagens, conforme realizado no trabalho de Silva Júnior (2018).

Nº	Sentido	Tipos de movimentos	Total de sinais	Nº de porcentagem	Sinal-exemplo
1	Negativo	PARA CIMA	56 sinais	39%	VAIDADE
2	Negativo	PARA BAIXO	88 sinais	61%	BRABO

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 04 - Exemplos de sinais negativos- PARA CIMA E PARA BAIXO

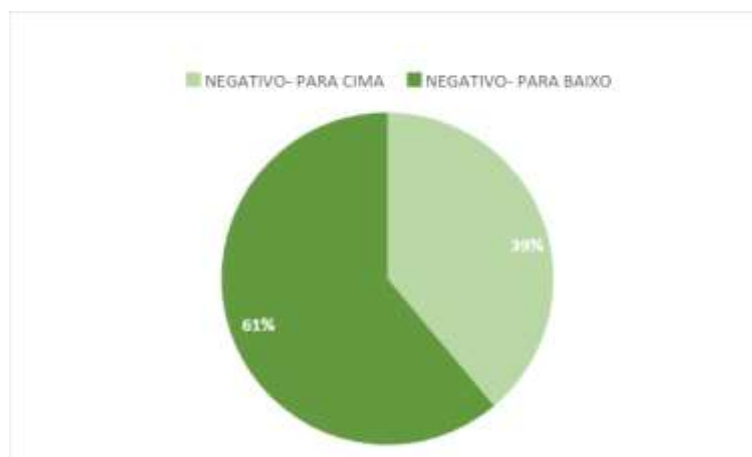
Conceito NEGATIVO PARA CIMA	Conceito NEGATIVO PARA BAIXO
VAIDADE	BRABO



Fonte: Elaborado pelo autor.

A exemplo de cada um dos movimentos acima citados, cita-se um exemplo de sinal correspondente a cada um deles, no sentido contextualizado negativo. Além disso, um gráfico ilustra o quantitativo da pesquisa, também encontrado abaixo.

Gráfico 3 - Movimentos (Mov.) Em sinais de significação negativa (PARA CIMA E PARA BAIXO)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisa-se também os sentidos dos sinais (positivo e negativo) a partir do Movimento – PARA CIMA e PARA BAIXO.

A partir dos sinais escolhidos para análise, considera-se quantos sinais possuem movimento realizado PARA CIMA e, entre estes, os que possuem significação positiva e



negativa. Assim, de um total de 97 sinais realizados com o Movimento PARA CIMA, 41 são de cunho positivo, representando 42% do total e 56 de cunho negativo, representando 58% do total. Os gráficos abaixo descrevem como a subdivisão se manifestou.

Tabela 4- Sinais de sentido positivo e negativo, cujo a movimentação é para cima. Exemplos de sinais positivos e negativos PARA CIMA.

Nº	Sentido de palavra/sinal	Tipos de Movimento da mão	Total de sinais	Nº de porcentagem	GLOSAS Por exemplo
1	Positivo	PARA CIMA	41	42%	ALEGRE
2	Negativo	PARA CIMA	56	58%	RAIVA

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 05 - Exemplos de sinais positivos e negativos.

Conceito Positivo PARA CIMA	Conceito Negativo PARA CIMA
<p>ALEGRE</p> 	<p>RAIVA</p> 

Fonte: Elaborado pelo autor.

Também há exemplos de sinais metafóricos, cujo o movimento é PARA CIMA e, pode se constituir positivo e negativo, conforme a tabela e o gráfico abaixo demonstram:

Gráfico 4 - Movimento da mão PARA CIMA, com significação positiva e negativa.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No caso do Movimento PARA BAIXO, também se encontram sinais metafóricos de significação positiva e negativa. Dos 130 sinais cuja movimentação é para baixo, 42 sinais são de cunho positivo, significando 32%; e, por fim, 88 sinais são de cunho negativo, representando 68% do total. A tabela e o gráfico melhor representam numericamente os dados.

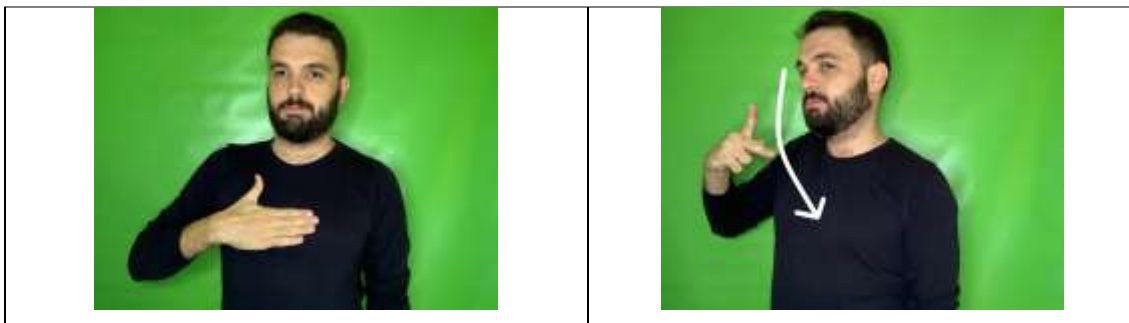
Tabela 5 - Sinais de cunho positivo e negativo, cuja movimentação é PARA BAIXO. Traz-se também exemplo de sinais cujo movimento é PARA BAIXO e, pode se constituir positivo e negativo,

Nº	Sentido de palavra/sinal	Tipos de movimentos	Total de sinais	Nº de porcentagem	Sinal-exemplo
1	Positivo	PARA BAIXO	42	32%	CALMA
2	Negativo	PARA BAIXO	88	68%	EGOÍSMO

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 06 - Exemplos de sinais positivos e negativos.

Conceito Positivo PARA BAIXO	Conceito Negativo PARA BAIXO
CALMA	EGOÍSMO



Fonte: Elaborado pelo autor.

Traz-se também exemplo de sinais cujo movimento é para baixo e, pode se constituir positivo e negativo, conforme a tabela e o gráfico abaixo demonstram:

Gráfico 5 - Movimento da mão PARA BAIXO, com significação positiva e negativa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerações Finais

Ao seguir a metodologia de pesquisa realizada com outras línguas de sinais ocidentais, percebeu-se que os sinais realizados com o **Movimento** para cima possuem significação positiva, enquanto os sinais realizados com **Movimento** para baixo possuem significação negativa.

Esclarece-se que a concepção cognitiva de metáfora como um recurso de pensamento e ação voltada às atividades de um determinado grupo ultrapassa o conceito atual que as pessoas têm de metáfora (como um artefato poético meramente). Estudar metáforas pode contribuir para que os surdos conheçam melhor sua língua e possam identificar metáforas na Libras, em especial, quando possuem orientação para cima e para baixo, conforme os dados analisados nessa pesquisa. A identificação de metáforas

orientacionais na Libras pode colaborar na desmitificação que as línguas de sinais e os surdos não conseguem expressar ideias abstratas.

O resultado desse estudo foi baseado nos sinais retirados do dicionário DEIT Libras. Há uma infinidade de metáforas orientacionais utilizadas pelos surdos brasileiros, as quais não estão catalogadas e, portanto, neste estudo não foram analisadas. Pode-se confirmar que os dicionários da Libras não permitem o registro e a análise de toda complexidade, criatividade e produtividade metafórica que um falante/sinalizante de uma língua viso-espacial possa ter, mas auxiliou na pesquisa de cunho lexical. A cultura surda é riquíssima, assim como sua língua; também serve de incentivo para maior aprofundamento em estudos linguísticos da Libras, que contextualizem os sinais corriqueiros dos surdos. No entanto, ainda não foram catalogados por meios acadêmicos formais.

Por fim, este trabalho de modo algum teve a intenção de esgotar o estudo das relações entre as metáforas orientacionais na Libras. Ao contrário, pretende-se por meio deste estimular o desenvolvimento de novas pesquisas capazes de buscar um número maior de dados, como já relatado, além de uma análise minuciosa do contexto do uso dessas metáforas. Também de analisar as diferenças e semelhanças entre o uso no contexto em locais de uso compartilhado (das línguas de sinais e das línguas orais).

Referências

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Presidência da República, [2002]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Presidência da República, [2005]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 20 de novembro de 2020

BRENNAN, M. Word Formation in British Sign Language. [1990]. In. CARONE, F. de B. Stockholm: University of Stockholm. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ed. Ática, 1997. p. 109.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira*. 2. ed . São Paulo: Edusp, 2012.

CORRÊA, F. S. *Língua brasileira de sinais: expressões inovadoras*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

FARIA-NASCIMENTO. S. P. *A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) do Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

FARIA-NASCIMENTO. S. P. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica*. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2009.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática da língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

LAKOFF, G; MARK, J. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G; MARK, J. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) sob a coordenação de Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf. São Paulo: Mercado das letras, 2002.

MURTA, M. A. *Metáfora em LIBRAS: um estudo de seu uso por pessoas surdas*. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2015.

OLIVEIRA, P. H. *Metáfora conceitual e Libras: uma abordagem cognitiva da surdez*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PEREIRA, P. F. *Psicanálise e Surdez: Metáforas Conceituais da Subjetividade em Libras*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudo linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA JÚNIOR, D. R. C. *Metáfora em Libras: um estudo de léxico*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

STOKOE, W. *Sign Language Structure: An outline of the visual communication system of the American deaf*. Studies in Linguistics, Occasional Papers, n. 8, 1960.

SUTTON-SPENCE, R.; KANEKO, M. *Introducing sign language literature: folklore and creativity*. British: Palgrave, 2016.

TAUB, S. Iconicity and metaphor. In: *Sign Language: An international Handbook*. PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (orgs). Berlin: Editora Walter Gruyter, 2012.

WILCOX, P. P. *Metaphor in American Sign Language*. Program at the University of New Mexico: Albuquerque, New Mexico, 2000.

WILBUR, R. B. *American Sign Language: Linguistic and Applied Dimensions*. Boston: Little Brown & Company, 1987.